

O ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM NOVO OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DOCENTE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA

Claudiana Fernandes de Freitas¹; Diná Ester Batista do Nascimento²; Michele Pereira Peixoto³; Maria José Albuquerque da Silva⁴

¹ *UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ*, claudiana@multimeios.ufc.br

² *UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARA*, dinahnascimento@yahoo.com.br

³ *UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARA*, michelepereirapeixoto@gmail.com

⁴ *UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARA*, maria.jasilva@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho discorre sobre os processos de aprendizagem - teóricos, práticos, ensino e pesquisa - vivenciados no Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental I, em uma escola municipal da cidade de Fortaleza, no período da manhã, numa turma com 27 crianças do 4º ano, durante os meses de abril, maio e junho de 2017. A experiência de campo foi proporcionada pela Atividade de Estágio no Ensino Fundamental I do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Nos fundamentamos nos estudos de Osteto (2008), Freire (1996), Carvalho (2010), La Taille (1992), Motoan (2003), Maturana (2017) e Serodio (2017) e em documentos oficiais. O objetivo desse trabalho foi promover uma aproximação com o espaço escolar, favorecendo a nossa atuação como futuros profissionais da Educação de forma crítica e reflexiva. A inserção na escola foi vivenciada em três etapas: observação, participação e intervenção/regência. Para nossos registros, produzimos diários de campo. Durante todo o processo das intervenções concluímos que a ação pedagógica só será desenvolvida de forma significativa com base no planejamento adequado, refletido sobre cada aspecto da turma e que a ludicidade é uma alavanca de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem. Acreditamos que por meio dessa experiência podemos contribuir plenamente para outros discentes e docentes refletirem sobre as condições para a atuação alicerçada na relação teoria e prática da atividade docente a partir dos desafios e possibilidades experimentados em sala de aula, e melhor compreender a estrutura e o funcionamento de uma instituição pública de ensino.

Palavras-chave: Estágio, Atividade docente, Teoria e prática.

INTRODUÇÃO

No Estágio Supervisionado é essencial a relação entre a teoria e a prática. Os momentos de estudos realizados na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC) favoreceram a troca de experiências vivenciadas ao longo do Curso sobre as concepções de educação, sociedade, escola, docência, estágio e os processos de alfabetização. A partir destes debates o estágio possibilitou na nossa formação o processo de autorreconhecimento de nossa identidade como professores. Segundo Ostetto (2008, p. 128) “Como consequência, afirmamos a necessidade premente de o professor, em seu processo de formação, olhar para si, buscando conhecer-se; entregar-se ao processo de autoconhecimento, responsabilizando-se por sua própria educação”.

O Estágio Supervisionado abrange a complexidade do processo de aprimoramento dos conhecimentos acadêmicos e remete ao caminho do ‘aprender a aprender’, atitude fundamental para a construção da identidade de formador ativo da dignidade humana no âmbito educacional.

Em cumprimento à Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) Nº 9.394/96, conforme estabelece em seu art. 82 que “os sistemas de ensino estabelecerão normas para realização dos estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior em sua jurisdição”. O Estágio Supervisionado é garantido por lei como parte da nossa formação educacional, e Ostetto (2008) assinala que é durante essa atividade que teremos a oportunidade de nos conhecermos e, ao entrarmos na instituição escolar para conviver com as crianças e os demais profissionais envolvidos poderemos nos ver e adquirir novos conhecimentos durante nosso processo educativo. Segundo Freire (1996, p. 43-44) “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

No presente trabalho discorreremos sobre os processos de aprendizagem - teóricos, práticos, ensino e pesquisa - vivenciados no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I em uma escola municipal da cidade de Fortaleza, em uma turma do 4º ano, durante os meses de abril, maio e junho de 2017. No desenvolvimento desse trabalho discorreremos sobre as três etapas dessa atividade que foram essenciais para a nossa formação: observação, participação e intervenção/regência.

METODOLOGIA: A escola: uma análise crítica e reflexiva dos dados estruturais e educacionais

A instituição de ensino em que desenvolvemos o estágio possui boas referências de qualidade de Educação por buscar atender a comunidade num resgate à cidadania, por ter parcerias com projetos da Universidade Estadual do Ceará (UECE) por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)¹, por atingir dados positivos do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAEB) e por adotar as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, conforme Res. CNE/CEB

¹ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Matemática, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza/CE, coordenado em âmbito nacional pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Nº 04/2010. Segundo o inciso X do art. 4, da LDB, lei 9.394 de 1996, de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, o Estado tem o dever de garantir "padrões mínimos de qualidade de ensino definido como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem." (BRASIL, 1996).

A escola possui um espaço amplo com plantas, secretaria, coordenação, salas dos professores com banheiro, um espaço direcionado para a Educação Infantil, pátio coberto, 'biblioteca' pequena, despensa, refeitório, cozinha, banheiros adaptados para as crianças, espaço para leituras, estudo e convivência das famílias, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), laboratório de Informática, rampas adequadas para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, biblioteca, pátio descoberto e 12 salas de aulas. Quanto à infraestrutura dispõe de merenda escolar, água filtrada, energia da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, encanamento de esgoto e acesso à Internet.

A instituição apresenta ambientes para o desenvolvimento de atividades recreativas, mas estes espaços situam-se em frente às salas de aula e proporcionam um desconforto destacado pelas professoras, pois elas precisam lidar com o barulho e distrações internas e externas à sala de aula, e até o término do estágio a reforma da quadra de esportes não havia sido realizada para sua utilização. A falha ocorrida quanto à localização da quadra de esportes da escola e demora na reforma é um dos elementos simbólicos da existência da cultura de desvalorização da disciplina de Educação Física, e infelizmente, a postura de padrões culturais e até pedagógicos minimizadores da importância do desenvolvimento das diferentes capacidades cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal através desta disciplina são internalizadas por muitas crianças que criam no seu imaginário um esquecimento ou uma desvalorização da Educação Física ou de outras práticas pedagógicas que ultrapassam o uso exclusivo do esquema: quadro, livro, lousa e caderno, encontrando terreno propício para o ensino copista e memorizador, contribuindo para imobilizar o corpo e a mente das crianças.

Compreendemos que o ambiente escolar deve ser tão educativo e dialógico quanto as relações humanas que se dão nesse espaço e que os docentes e a equipe gestora, por vezes, podem idealizar outra estrutura para sua atuação, mas ao chegar ao ambiente se deparam com a missão de tornar aquele espaço o melhor possível e nesta perspectiva, precisamos destacar o empenho dos educadores da escola na elaboração dos ambientes coletivos voltados também para o ensino fundamental com temáticas e cartazes que remetem a valores de cidadania e aos

temas trabalhados em cada mês, como a amizade, cultura de paz e outros. Segundo Serodio e Steinle (*apud* Rinald, 2002, p. 77)

O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura.

O ambiente da biblioteca é organizado e acolhedor com mesas adequadas para as crianças do 3º ao 5º ano, possui equipamentos de TV, som, computador, projetor multimídia (Datashow), livros direcionados para alunos do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Neste ambiente os professores têm acesso ao computador, internet, livros e revistas de atualização pedagógica. O laboratório de Informática também é amplo e bem equipado, porém apresenta problemas quanto à climatização. Quanto aos recursos didáticos, as crianças recebem livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e nas salas e biblioteca também utilizam paradidáticos fornecidos pelo programa. A Escola oferece para as crianças com atraso o material escolar e o fardamento, por não receber da Prefeitura o repasse do material no período adequado.

Aprendendo a ser professor: um processo de observação, participação e reflexão.

No nosso primeiro momento em sala em sala observamos as práticas da professora, que utilizava a contação de histórias e leituras para que as crianças desenvolvessem atividades durante o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Oliveira (2009), por meio da contação de histórias que o professor terá maiores possibilidades metodológicas para alfabetizar e até mesmo ensinar conteúdos específicos a seus alunos.

Sabemos que ao desenvolver atividades que envolvam histórias os estudantes refletem, exercitam a ação criadora e agem de forma mais confiante na sociedade, aprendem as diferenças entre linguagem formal e informal e a utilização do código linguístico. Para Carvalho,

Além disso, ao ouvir a leitura da professora, as crianças vão se familiarizando com as características da língua escrita, cuja sintaxe e cujo léxico não são os mesmos da língua oral. Não só o conhecimento da língua pode ser enriquecido no contato com a literatura por intermédio da voz da professora, mas também a fantasia, a imaginação, a experiência direta do mundo. (2010, p. 88)

A professora demonstrava domínio do conteúdo e preparo ao ministrar suas aulas destacando a importância do planejamento na ação educativa, indiscutivelmente, as aulas da professora eram motivadoras, desenvolvendo ainda atividades diversificadas e diferenciadas para um educando compreendido com Deficiência Intelectual (DI).

No período de participação e da observação percebemos demonstrações de afeto e de práticas lúdicas no trato com as crianças, facilitando a nossa inserção e atuação em sala de aula. Ensinar o aluno a pensar é promover o desenvolvimento de habilidades que poderão ser utilizadas para a transformação do meio, do indivíduo e das relações e estimular a criatividade, estimular o pensamento e a descoberta do saber via imaginação, intuição e emoção. Conforme La Taille (1992) Vygotsky explica que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Assim, as atividades dinâmicas, com música, teatro, apresentações e contações de histórias apontam para uma aprendizagem planejada e pensada com a mobilização e vivência de todos os sentidos do aluno.

Regência escolar: uma análise crítica da própria prática

O período da regência torna-se o momento em que nos deparamos com a realidade escolar e o exercício da docência. Primeiramente, surge o medo, pois temos que mostrar desempenho e domínio dos conteúdos a serem trabalhados. Surge um sentimento como a paixão, um misto de calma e adrenalina diante do comprometimento com as ‘exigências’ do ensino.

Iniciamos as dez regências previstas para o Estágio promovendo atividades diversificadas, entre elas a acolhida, a roda de conversa, a contação de história e atividades em grupos. Antes de desenvolvermos qualquer atividade, buscamos a orientação da professora regente, uma vez que que nosso intuito era proporcionar aprendizagens ricas e que envolvessem a participação de todos, bem como estabelecer uma ponte que nos aproximasse cada vez mais das crianças.

Elaboramos uma aula sobre o gênero textual Biografia e Autobiografia. Para que iniciamos realizamos uma contação de história “ A verdadeira história dos três porquinhos” de de Jon Scieszka, nesse momento todos fizeram silêncio e depois começaram a responder questionamentos feitos pelo lobo. Durante o nosso planejamento desta atividade pensamos em

uma proposta para que de forma afetiva e positiva se reconhecessem atores de suas histórias e a riqueza de suas identidades. Não queríamos uma aula ‘convencional’ com descrições de conceitos, queríamos que eles vibrassem e se sentissem motivados com suas próprias vidas. Segundo Maturana (2002) vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções e não percebemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, sem nos darmos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional. Portanto, um ambiente afetivo positivo possibilita ao aluno a aprendizagem significativa por fornecer um espaço de compreensão, de confiança, de motivação e de interação social fundamentada no respeito mútuo.

Ao término da contação o lobo “se despediu” e assim como ele havia narrado sua história contamos nossa autobiografia de forma resumida. Notamos que a turma e a professora demonstraram forte empatia por alguns fatos emocionantes e aplaudiram encantados. Experimentamos um momento de encontro não com o número de alunos da sala de aula, mas com a singularidade da vida de cada um. Após este momento, conversamos sobre o conhecimento prévio da turma sobre a biografia e autobiografia e percebemos que todos queriam falar seus conhecimentos acerca dos gêneros textuais. Posteriormente, escreveram suas histórias e enquanto auxiliávamos nos contavam baixinho parte de suas histórias que tinham em segredo, como casos de adoção e problemas familiares. Notamos a necessidade de serem escutados. A aula foi desenvolvida com a participação e entusiasmo de todos.

Nossa próxima aula foi sobre Medidas de Comprimento, objetivamos apresentar as unidades de medida de comprimento utilizando as relações de proporcionalidade entre elas, os símbolos e permitir um momento criativo onde pudessem experimentar as medições do cotidiano. Refletimos sobre a necessidade de relacionar a Matemática com outros conteúdos. Com questionamentos e pesquisas buscamos atividades em que todos fossem capazes de atuarem. Iniciamos a aula contando de forma descontraída sobre as formas de medir desde a antiguidade e como os povos foram criando suas unidades de medidas até a padronização do sistema métrico decimal.

Explicamos que a medida do metro já foi colocada como sendo a décima milionésima parte da distância do Polo Norte ao Equador, no meridiano que passa por Paris. Então, mostramos o globo terrestre, eles reconheceram a linha do Equador, situaram o Brasil e a distância até o Polo Norte. Relatamos que para tornar a unidade mais precisa foi aprovado na Conferência Geral de Pesos e Medidas que o metro passaria a ser definido como o comprimento do trajeto

percorrido pela luz no vácuo. Eles ficaram impressionados. “Vixe tia, pra quê tudo isso? Nossa! toda essa distância em um metro! Nunca ia imaginar isso!” (fala de um dos alunos).

Nessa atividade novamente enfatizamos que toda descoberta necessitou de pesquisas e experimentos e que eles também eram cientistas e pesquisadores. Apresentamos a escala de medidas e alguns instrumentos de medição: régua, fita métrica e trena. Posteriormente, como pesquisadores receberam a missão de medirem objetos da sala com as medidas de padrão antigas: polegadas, passo, e após as anotações e registros dos dados mediram os objetos utilizando a régua, a fita métrica e a trena e tendo como referencial de medida o metro. Ficamos maravilhadas com a turma inteira caminhando pela sala, trabalhando em grupos e sorrindo, mas concentrados em descobrirem as medidas de suas ‘missões’. Houve momentos que nos assustamos com o barulho porque foi a primeira vez que eles agiam de forma tão dinâmica, mas a própria professora nos tranquilizou. Afirmou que a atividade exigia movimento. Alguns não queriam ‘largar’ a trena e queriam medir tudo, outros em dado momento analisavam a distância dos países no globo terrestre. Os meninos da turma não paravam de contar, medir e de partilhar uns com os outros os resultados. Constatamos que uma aula com esse dinamismo requer também bastante energia da ação docente, talvez seja por isso que promover essa ‘bagunça’ educadora seja tão desafiadora.

Planejamos uma terceira aula sobre Medidas de Massas. Procuramos relacionar as medidas de Massa com as operações matemáticas, movimentos do planeta Terra, ação gravitacional e atualidades e tivemos como objetivo proporcionar o reconhecimento das grandezas e medidas como unidades básicas e utilitárias no contexto matemático para o cotidiano dialogicamente com outros conhecimentos. Utilizamos mais uma vez o globo para mostrar a influência do movimento de translação, rotação e gravidade na medição da massa corporal que eles realizam, frequentemente, na balança da farmácia. Mostramos a escala de medidas e suas abreviações, distribuimos rótulos de embalagens e folhetos de mercantil para que visualizassem os produtos e unidades de medida. Por último, mostramos uma balança caseira que fabricamos para a medição de alimentos e buscamos atuar de forma lúdica e elucidativa.

A nossa quarta aula foi sobre Gráficos. Novamente nos questionamos sobre uma forma de promover a aprendizagem lúdica e concreta e tivemos como objetivo a promoção do reconhecimento da importância dos gráficos no cotidiano e relacioná-los com as medidas de massa e de comprimento trabalhadas nas aulas anteriores. Desde a segunda regência sentimos

a necessidade de sempre retomar os assuntos trabalhados para melhor aprendizagem dos alunos e contextualização dos saberes. Iniciamos a aula instigando os conhecimentos prévios das crianças sobre gráficos. Quase toda a sala levantou a mão e algumas falaram e colaboraram com a aula. Conversamos com as crianças sobre a importância de saber interpretar os gráficos para informar e organizar determinadas experiências. Apresentamos vários tipos de gráficos através de desenhos na lousa, usando os cartazes já existentes na sala e realizamos um momento na sala de informática com apresentação de gráficos utilizados no cotidiano, por exemplo, o gráfico de pessoas infectadas pela chikungunya na cidade de Fortaleza. Apresentamos gráficos de linha, os circulares e os de barra. Após a explicação dos elementos que envolvem as informações do gráfico os alunos descreveram as informações dos dados que apresentamos em imagens.

Em um segundo momento, após passar o conceito teórico do conteúdo em questão, utilizamos uma balança (caseira) para pesagem e fita métrica para medição das crianças, comparamos comprimentos e massa corporal das crianças. No desenvolvimento das atividades as crianças se mostraram atenciosas e curiosas, participaram e ajudaram uns aos outros. Dividimos a turma em equipes para a continuação das atividades na aula seguinte.

Em outro dia continuamos a aula sobre gráficos, medidas de massa e de comprimento. Combinamos com a professora da turma de realizar a elaboração dos gráficos. Nas paredes da sala havia dois gráficos que, apesar de terem os nomes das crianças do turno da tarde, não pareciam ter sido elaborados completamente por elas próprias. Então propomos que as equipes depois das orientações usassem a criatividade para organizarem os dados coletados nos gráficos. A nossa proposta era que eles se sentissem responsáveis e autônomos. Relembramos o conteúdo da aula passada e os grupos se organizaram para a construção de gráficos. Cada grupo recebeu uma missão: produzir um gráfico de acordo com um tema. Os temas foram sorteados e as produções foram sobre a média da idade, altura e peso da turma. Nesta aula ainda utilizamos a régua, fita métrica, trena e balança.

A professora nos propôs também que trabalhar com Tangram e forneceu alguns materiais. Além disso, a docente nos mostrou trabalhos da turma da tarde e percebemos o orgulho que demonstrava das ações do Pibid realizadas naquele turno. Ao iniciar a nossa aula começamos com contações de histórias para apresentar a origem do Tangram: *A lenda do Tangram e as sete peças mágicas* e *A menina que era um quadrado*. Em seguida eles viram um vídeo com o teatro de sombras em que as peças do tangram se transformavam em diversas

imagens e receberam as peças para montarem novamente transformando em um quadrado, desenvolvendo também o raciocínio lógico, ou seja, foram desafiados a fazer o caminho inverso das histórias, onde de um quadrado surgiram as sete peças. Alguns alunos conseguiram mais rápido que outros. Logo após, todos montaram uma imagem com as peças. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997 consta que a Matemática comporta um amplo campo de relações, regularidades e coerências que despertam a curiosidade e instigam a capacidade de generalizar, projetar, prever e abstrair, favorecendo a estruturação do pensamento e o desenvolvimento do raciocínio lógico. Este foi mais um momento em que tivemos dois ‘encantamentos’: o aluno tido com dificuldades intelectuais e outro que é bastante tímido elaboraram espontaneamente a criação de uma imagem totalmente diferente das demais que haviam sido apresentadas nos slides e eles nos mostraram suas criações com grande satisfação.

Desenvolvemos na aula seguinte uma atividade sobre as Figuras geométricas planas e os Sólidos geométricos, com o objetivo de promover o conhecimento das figuras, a capacidade de classificá-las e estabelecer relação com objetos do dia a dia. Após a explicação dos conceitos entregaremos caixas de embalagens de diferentes produtos e formatos para que cada um organizasse uma tabela com a quantidade de faces, vértices e aresta, para em seguida classificar formas (retângulos, quadrados, círculos e/ou triângulos) encontradas. Inicialmente, essa atividade foi planejada para acontecer em trios, mas levamos tantas embalagens que eles mesmo sentados próximos uns dos outros pediram por sua própria forma. Nesse dia tiramos várias dúvidas, pois anteriormente a professora já havia iniciado o trabalho deste conteúdo, mas no exercício percebemos as necessidades reais da turma. Guardamos as embalagens e os dados registrados para o dia do memorial e depois realizaram a montagem de formas geométricas que também foram expostas na sala como memorial concreto das aprendizagens da turma.

Em outra regência trabalhamos o gênero textual Bula de remédio. Levamos caixas de remédio, bulas e a escala de medida das massas, a professora da turma nos ajudou levando medicamentos naturais. Preparamos slides com o conteúdo para que pudessem acompanhar as informações.

Algumas crianças foram para frente para participar e responder sobre as informações contidas nas caixas de remédios. Foi contagiante porque todos queriam ajudar e estavam eufóricos e falavam alto, demonstrando ser sujeitos ativos do seu próprio aprendizado.

No começo das nossas regências quando pensamos em utilizar essas estratégias de participação não tínhamos a noção de como eles gostam de estar à frente, de interagir e a maioria se envolvia sem medo de “errar”. Em seguida, foram divididos em grupos e receberam uma nova “missão”: fabricar um remédio e elaborar sua bula com todos os dados de um remédio comum. Para isto, receberam dicas sobre seus remédios e um modelo impresso de um remédio para o crescimento. Eles receberam tesoura, cola, papel madeira e caixas para criarem o seu remédio. Foi emocionante ver os integrantes de cada grupo desenvolvendo essa atividade, fabricando remédios para curar: a tristeza, uma pessoa muito brava, uma pessoa muito chorona, uma pessoa mentirosa, dificuldades de acordar e uma pessoa muito desorganizada.

Por fim, para nossa última regência desenvolvemos um plano de aula com a culminância das ações realizadas, o que foi previamente conversado com a professora de sala. Organizamos, então, a sala para a exposição das atividades, relembramos cada assunto e cada produto resultante das aulas ministradas, e as aprendizagens que cada uma envolvia. Foi gratificante saber que eles não tiveram dificuldades para relembrar as atividades que foram realizadas. Apresentamos um vídeo com fotos, músicas e mensagens para a turma, tudo registrado nos momentos em que eles desenvolviam cada tarefa ou missão proposta. Depois, expressamos nossos agradecimentos a todos e palavras de motivação para a turma. Realizamos um memorial temático e a turma transformou-se em um museu do conhecimento, ornamentada de criações frutos da capacidade de cada um.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas nossas práticas pedagógicas, durante os momentos de regência, realizamos um aprofundamento de nossos estudos e refletimos sobre a nossa atuação como docentes. Percebemos a aprendizagem como um processo contínuo que se fundamenta na prática reflexiva sobre a própria ação, os objetivos, as atitudes, as dificuldades e buscamos reformular o que não ficou bem definido.

O diário de campo e os debates na sala de aula na universidade sobre os aspectos positivos e desafiadores do estágio nos possibilitou repensar nossas ações. Porém, sentimos falta de uma melhor articulação entre a escola e a universidade para que a teoria seja ‘atrelada’ à prática desde o primeiro semestre da graduação. Assim, o estagiário se perceba

como um profissional em contínua formação e o estágio seja entendido como um momento fundamental para instrumentalizar nossa condição de aprendiz da profissão docente.

Após as intervenções, consideramos que a ação pedagógica somente se torna plena com o planejamento adequado, refletido sobre cada aspecto relativo à turma, ressaltando que como professoras sentimos na pele uma pressão exterior para “dar o conteúdo”, acabando, muitas vezes, por privar os alunos de momentos lúdicos, significativos, interativos, de exercício da sua autonomia. Fomos desafiadas a repensar sobre o tempo, os objetivos, as inúmeras formas de execução, várias estratégias para as atividades e até a esquematização visual do plano e das ações previstas. Como estagiárias, sentimos dificuldades de promover o melhor ensino para e com os educandos; porém, as nossas atividades eram semanais, o que nos levou a refletir o cuidado que o educador em efetivo exercício deve ter para que a rotina e o cansaço não o privem de refletir sobre suas ações e redirecioná-las, quando necessário.

CONCLUSÃO

Após cada etapa vivenciada concluímos que a nossa motivação e o estímulo que mobilizou cada aluno em sala de aula é muito importante na busca pelo saber, permitindo verificar que os alunos que sentiam incapazes e frustrados diante das atividades acabavam desanimados em aprender. Um dos caminhos para auxiliar o educando na superação deste obstáculo foi a promoção da aproximação afetiva positiva com o conhecimento. Nos estudos de Piaget há a constatação de que os sentimentos associados às ações ou atividades são sempre lembrados e as crianças são atraídas pelas atividades que foram bem sucedidas. Embora alguns fracassos possam tornar-se desafios e ativar o interesse e empenho dos alunos, eles manterão o interesse pelas atividades exitosas. Outro elemento que nos ajudou e que irá exercer influência para uma boa ação educativa é o tripé afetividade, interatividade e ludicidade, constituindo uma ferramenta essencial a ser valorizada por todo professor.

Ao relatarmos nossas experiências de estágio supervisionado, acreditamos que podemos contribuir para que discentes e docentes reflitam sobre as condições mais adequadas a serem criadas, didática e pedagogicamente, para uma atuação alicerçada na relação teoria e prática, visto que não temos dúvida de que a atividade docente se fortalece a partir dos desafios e possibilidades experimentados no contexto escolar, revelando uma compreensão mais ampla acerca da estrutura e funcionamento de uma instituição pública de ensino, mais especificamente do espaço da sala de aula.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: matemática**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro03.pdf>> Acesso em: 02 de junho de 2017.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996** - Planalto. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 03 de junho de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e terra, 1996.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MATURANA, R. Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Disponível em: <<http://projetosntenoite.pbworks.com/w/file/57862785/Humberto%20Maturana%200%20Emo%C3%A7%C3%B5es%20e%20Linguagem%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20na%20P%20E2%80%A6.pdf>> Acesso em: 01 de junho de 2017.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em literatura infantil**. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.). **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008. _____. **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: Partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

PROGRAMA Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. PIBID . Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>> Acesso em: 02 de junho de 2017.

SERODIO, Suzana C. F.; STEINLE, Marлизete C. B. **A importância da organização do espaço para atender o aluno do 1º ano do ensino fundamental de nove anos**. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/A%20IMPORTANCIA%20DA%20ORGANIZACAO%20DO%20ESPACO%20PARA%20ATENDER%20O%20ALUNO%20DO%201ordm%20ANO%20DO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL%20DE%20NOVE%20ANOS.pdf>> Acesso em: 02 de junho de 2017.